

Julgo ter sido Casais Monteiro quem escreveu: « Quem fala agora somos nós, os modernistas. Que a nossa voz se ouça, portanto. E para que a nossa voz se oiça uma única coisa importa: falarmos nós próprios. E' a nossa voz, a voz do nosso ser, simples ou complicado, violento ou amável, sentimental ou apaixonado, luminoso ou obscuro, requintado ou selvagem, intelectualizado ou espontâneo, que nós queremos que se ouça ».

E tôda esta teoria apregoada pelos modernistas teve uma realização completa. José Régio, Casais Monteiro, Carlos Queiroz, Miguel Torga, para citar os mais representativos, exprimiram com arte o que tinham a exprimir. E' inegável que todos êles deram uma expressão verdadeiramente artística aos seus problemas. Régio, com uma expressão verbal rica, traduz admiravelmente o drama religioso que nêle existe; Casais Monteiro, abdicando de todo o formalismo consagrado, dá-nos uma poesia diferente de tôdas as outras, impergnada de um vago amor à vida e aos homens; Carlos Queiroz, essencialmente lírico, domina bem as suas emoções; Miguel Torga, lírico e dramático, homem e artista, com uma expressão poética por vezes dura, também encontrou o verdadeiro sentido do seu drama.

E a êstes nomes, muitos outros se poderiam juntar.

Além dos factores que acima dissemos condicionarem e justificarem o modernismo, devemos referir-nos ao estado do nosso ambiente literário. Todos sabem as mãos por onde andava a arte. Os nossos « valores consagrados », os nossos « valores » académicos, é que pontificavam e ditavam as leis artísticas. Comandada por genialíssimos Júlios Dantas, a nossa vida mental caminhava num estonteante mar de maravilhas. Um salamaleque para a direita, um salamaleque para a esquerda; um elogio para a esquerda, outro para a direita; uma boa frase lançada aos quatro ventos; um galan-

teio de amor e, assim se criava um génio. Medularmente acacianos, ôcos por dentro e belamente rendilhados por fora, os nossos valores académicos deram uma tal mediocridade à nossa literatura, que os então jovens artistas ficaram espantados com a sua consagração. E êste facto foi mais um motivo de isolamento, de fuga da realidade. Embora de quando em quando mostrassem a vacuidade de tais valores, não produziram a obra de saneamento absolutamente necessária, uma vez que combateram essa mediocridade sòmente debaixo do ponto de vista estético. Mas infelizmente nem só de estética se tratava.

E assim, julgamos ter exposto, melhor ou pior, uma das atitudes a tomar neste período de pessimismo do sistema económico saído da Revolução francesa, a mentalidade que resultou dessa atitude, e o que ela representou entre nós.

Acho que é tempo de perguntar se essa é a única atitude possível, se é essa a atitude que na verdade se deve tomar. Os que vieram depois da *Presença*, isto é, os mais jovens representantes da mentalidade, portuguesa, afirmam categòricamente que Não.

Entrando no mundo do pensamento guiados pela fórmula modernista, *consciencializa os teus problemas de homem*, ficaram espantados com o que êsse consciencializar lhes desvendou. O que acima de tudo os impressionou foi o estado de coisas sociais em que encontraram o mundo, e dessa impressão resultou um dos seus principais problemas. Chocou-os o facto de as forças da natureza não serem aproveitadas ao máximo, e mesmo as que o eram, serem-no só com reservas e restricções.

Daí nasceu uma certa ternura por todos aqueles que o sistema económico punha à margem.

A pouco e pouco, vários problemas lhes iam surgindo. E foi do consciencializá-los, que tiveram uma exacta compreensão de todos êles.